



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O *PATHOS* EM NOTAS DE SUICÍDIO PRODUZIDAS POR HOMICIDAS/SUICIDAS

Euarda Stéfany Fernandes Lima

Rio de Janeiro

2022

EDUARDA STÉFANY FERNANDES LIMA

O *PATHOS* EM NOTAS DE SUICÍDIO PRODUZIDAS POR HOMICIDAS/SUICIDAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Martins Gouvêa

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

F363p Fernandes Lima, Eduarda Stéfany
O PATHOS EM NOTAS DE SUICÍDIO PRODUZIDAS POR
HOMICIDAS/SUICIDAS / Eduarda Stéfany Fernandes
Lima. -- Rio de Janeiro, 2022.
36 f.

Orientadora: Lúcia Helena Martins Gouvêa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Inglês, 2022.

1. pathos. 2. patemização. 3. notas de suicídio.
4. teoria semiolinguística do discurso. I. Martins
Gouvêa, Lúcia Helena , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento, indubitavelmente, é para Aquele que me permitiu chegar aqui. Obrigada, Deus, pelos dons que me deu, o dom da inteligência, da paciência, perseverança e o dom da vida. Foram inúmeras as vezes que quis desistir, mas o Senhor me sustentou. Só pela Sua bondade foi possível que eu realizasse esse sonho.

Outro alvo de minha gratidão é a minha família, base da minha vida. Agradeço à minha mãe, ao meu pai, irmãos, padrasto, madrasta e ao meu namorado, por terem acreditado ser possível que uma menina tímida de uma cidade pequena do sul de Minas Gerais fosse capaz de ir morar na cidade grande e aprender tanto sobre a vida. Sei que muitas vezes vocês temeram por mim, mas sempre que precisei de um ombro todos vocês estavam de braços abertos para me acolher.

Por fim, minha profunda gratidão à minha orientadora Lúcia Helena que, mesmo como uma professora tão atarefada, pôde me orientar e dar conselhos muito valiosos. Seu nome será sempre lembrado por mim, professora.

A todos que torcem por mim, meu mais sincero muito obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	7
3. METODOLOGIA	15
4. ANÁLISE DO CORPUS	16
4.1 Análise qualitativa	16
4.1 Análise quantitativa	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como tema o estudo das estratégias de patemização encontradas em notas de suicídio de homicidas/suicidas em ambientes escolares. Trata-se de um trabalho de conclusão de curso, orientado pela professora Lúcia Helena Martins Gouvêa, para a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Compreendemos patemização como o processo em que o locutor gera determinadas emoções em seu público-alvo através de seu discurso. Na área da Semiologia do Discurso (CHARAUDEAU, 2008), compreendemos que são muitos os elementos discursivos presentes no enunciado que podem ocasionar tais emoções, entretanto, daremos foco nas estratégias que se referem às *expressões modalizadoras, palavras ou expressões que desencadeiam emoção, enunciados que podem produzir efeitos patemizantes, palavras que descrevem de modo transparente emoções e índices de avaliação*.

Para dar conta de elucidar a abordagem aqui explicitada, o campo temático escolhido foi a patemização a partir dos discursos de homicidas/suicidas que praticaram massacres em escolas. Para o estudo desta conjuntura, a fundamentação teórica em que nos baseamos compreende os conceitos da teoria Semiologia do Discurso, de Patrick Charaudeau, bem como a aplicação desses conceitos presentes em artigos de estudiosos que abordam esta mesma matriz temática.

Tendo esses fatores em vista, o objetivo deste trabalho é analisar dois *corpora* do gênero *nota de suicídio* para que seja possível verificar estratégias em comum no que tange aos critérios que caracterizam a patemização. Com isso, pretendemos investigar semelhanças e diferenças entre as produções discursivas que, embora tenham a mesma conotação e intencionalidade no que concerne à sua função social, ainda podem apresentar artifícios em comum com a finalidade de atingir seus respectivos interlocutores.

Baseada na problemática que fundamentará este trabalho, a seguinte pergunta é elaborada: tendo em vista que esta pesquisa trabalha com dois *corpora* distintos, mas de mesma temática, haveria distinção entre as estratégias de patemização utilizadas pelos dois locutores?

Nesse sentido, para que seja possível compreender e responder à pergunta aqui proposta, duas hipóteses foram levantadas:

- A estratégia mais produtiva em ambos os *corpora* seria *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*.
- Haveria coincidências no que diz respeito às estratégias utilizadas em cada *corpus*.

O trabalho estrutura-se em seis seções, sendo elas: introdução, pressupostos teóricos, metodologia, análise dos *corpora* – análise qualitativa e quantitativa –, considerações finais e referências.

Seguem-se, então, os pressupostos teóricos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A fim de analisar o tema deste estudo, é necessário abordar o fenômeno *pathos*, central na investigação deste trabalho. Antes, contudo, é imprescindível recorrer à abordagem da Retórica de Aristóteles (2012).

Segundo o filósofo, “a Retórica é uma forma de argumentação, é a arte genuína de argumentar e funda-se em provas, em meios de persuasão.” (cf. GOUVÊA, 2017, p. 905). Isso significa dizer que o locutor argumenta por meio provas e evidências, para persuadir seu interlocutor.

Para tal, Aristóteles apresenta dois meios de persuasão ou provas retóricas: o *meio não artístico* e o *meio artístico*. O primeiro, o *meio não artístico*, diz respeito às estratégias que envolvem evidências testemunhais ou contratos escritos, ou seja, através de conteúdos materiais físicos o locutor prova a veracidade de informações ao seu auditório. O *meio artístico*, por outro lado, trata dos recursos de persuasão elaborados pelo próprio orador.

A este trabalho, interessam os meios artísticos que, segundo Aristóteles, dividem-se em três categorias, sendo estas necessárias para que o orador consiga persuadir o seu auditório: o *logos*, o *ethos* e o *pathos*.

O *logos* é o meio de prova que corresponde ao conteúdo proposicional pelo qual se fundamentam os argumentos, ou seja, trata do conteúdo informativo daquilo que é dito pelo orador. O *ethos* diz respeito ao caráter do orador, à credibilidade que o orador tem diante de sua plateia, isto é, o locutor projeta uma imagem de si aos seus ouvintes, através do seu discurso. Por fim, o *pathos*, tema central deste trabalho, é o meio pelo qual o orador, através de seu discurso, desperta emoções em sua plateia. Em outras palavras, ele “recorre aos sentimentos dos ouvintes, afetando-os de tal sorte que eles passem a aderir mais facilmente às teses propostas pelo orador.” (GOUVÊA, 2017, p. 905).

Com a finalidade de compreender a forma como a retórica de Aristóteles, mais especificamente o meio de prova pelo *pathos*, liga-se aos textos escolhidos para compor este trabalho, é necessário introduzir o estudo da Semiologia do Discurso, o qual possibilita o entendimento entre tal teoria e a produção real discursiva.

Nessa perspectiva, para justificar o estudo da produção de discursos atrelado à comunicação humana, a Teoria Semiollingüística do Discurso (CHARAUDEAU, 2008) viabiliza ferramentas para que haja um intercâmbio referencial entre fatos/objetos do mundo real e a produção comunicativa. Isso quer dizer que, pelo fato de a Teoria Semiollingüística do Discurso estar relacionada a uma “prática psicossocial historicamente situada” (SILVA, 2020, p. 23), ocorre o processo de *Semiotização do Mundo* (CHARAUDEAU, 2005, p. 14). Esse processo caracteriza-se por transformar o mundo a significar – físico, biossocial – em mundo significado, ou seja, o sujeito falante transforma o mundo real e seus acontecimentos, em textos.

Os conceitos mencionados anteriormente, de acordo com estudiosos do tema, são imprescindíveis no que tange ao processo de argumentação. Tem-se em mente que é fundamental que o locutor obtenha a atenção de seu auditório e o atinja de modo que cause uma imagem positiva, a fim de convencê-lo por meio das emoções, alcançando a persuasão desejada.

Deste modo, Patrick Charaudeau (2008), criador da Semiollingüística do Discurso, considera a patemização (termo proveniente de *pathos*) como uma categoria de efeito, isto é, é um efeito produzido pelo locutor em seu auditório.

Como a Semiollingüística não trabalha com uma metodologia que revele os efeitos produzidos no auditório, ela estuda o *pathos* por meio das estratégias discursivas utilizadas pelo locutor para provocar determinada emoção no alocutário.

Para isso, Charaudeau se vale dos “atos enunciativos”, ou seja, comportamentos lingüístico-discursivos adotados pelo orador ao construir seu discurso. Esses comportamentos ou modalidades se dividem em alocutivas, elocutivas e delocutivas.

Os comportamentos *alocutivos* se caracterizam por implicar o locutor e o interlocutor, mais especificamente sobre a maneira como o locutor impõe algo, pelo seu discurso, ao interlocutor. Da perspectiva lingüística, o comportamento alocutivo está associado às marcas da 2ª pessoa do discurso, (tu, você, vós, vocês). Um dado coletado do *corpus* pode ser observado abaixo.

Exemplo:

(1) Vocês tiveram bilhões de chances e formas de evitar o que aconteceu hoje. Mas vocês decidiram derramar meu sangue. (carta de Wellington Menezes de Oliveira, 7 de abril de 2011)

Quanto aos comportamentos *elocutivos*, por sua vez, o locutor revela seu ponto de vista sobre o mundo, sem envolver o interlocutor no ato discursivo. Da perspectiva linguística, as marcas de 1ª pessoa do discurso (eu, nós) podem ser observadas.

Exemplo:

(2) Eu não tinha que fazer isto. Eu poderia ter saído. Eu poderia ter fugido. Mas não, eu não vou mais correr. (trecho transcrito do vídeo de Cho Seung-Hui, 16 de abril de 2007)

Por fim, os comportamentos *delocutivos* dizem respeito à impessoalidade colocada no discurso, isto é, tanto locutor como interlocutor são desligados do texto e, linguisticamente, este não apresenta marcas de 1ª ou 2ª pessoas. A respeito de sua caracterização, apenas duas modalidades podem ser constituídas como *delocutivas*: a de *asserção* e a do *discurso relatado*.

A *modalidade da asserção* se caracteriza pelo modo como os fatos, as ideias se apresentam. É um “modo de dizer” segundo o qual locutor e interlocutor não são expostos linguisticamente, na medida em que não são usados pronomes de 1ª ou 2ª pessoas do discurso: apenas diz-se algo; declara-se.

Exemplo:

(3) [...] os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos [...]

A *modalidade do discurso relatado*, por sua vez, “depende da posição dos interlocutores, das maneiras de relatar um discurso já enunciado” por outrem. O locutor relator não se responsabiliza pelo que é dito, isto é, atribui o discurso a alguém. Um enunciado pode ser emitido com mais ou menos fidelidade a depender da intenção daquele que relata.

Exemplo:

(4) Os meus pais disseram que desejavam passar esse imóvel para o meu nome.¹

Gouvêa (2017, p. 907), apoiada em Patrick Charaudeau (2010), constata que o estudo do *pathos* como efeito visado direciona-se a determinadas estratégias linguístico-discursivas usadas para emocionar o ouvinte, visto que os indivíduos que interagem verbalmente se utilizam de construções envolvendo, ou não, locutor e interlocutor.

Assim, Charaudeau apresenta uma dupla enunciação a fim de produzir o *efeito patêmico*, chegando a dois resultados de patemização: uma *enunciação da expressão patêmica* e uma *enunciação da descrição patêmica*.

A *enunciação da expressão patêmica* caracteriza-se pelo uso das modalidades elocutiva e alocutiva. O objetivo dessa categoria de enunciação é provocar um efeito de patemização tanto pela descrição do estado emocional do locutor, quanto pela descrição do estado emocional em que o outro deveria encontrar-se.

Por outro lado, a *enunciação da descrição patêmica* caracteriza-se pelo uso do comportamento delocutivo. O locutor, ao fazer uma narração de uma cena impactante ao interlocutor, é capaz de produzir um efeito patêmico com o objetivo de convencê-lo por meio das emoções provocadas neste.

Charaudeau (2010, p. 39, 40) associa o efeito patêmico a três tipos de condições: o *dispositivo comunicativo* deve favorecer o aparecimento de um efeito patêmico; o *campo temático* deve prever a existência de um universo de patemização; e uma *mise en scène* discursiva deve servir de apoio a uma instância de enunciação.

A primeira condição diz que o discurso se inscreve em um *dispositivo comunicativo*, cuja finalidade e lugares são atribuídos previamente e, dessa forma, favorece o surgimento de efeitos patêmicos. Um exemplo que ilustra essa condição diz respeito à diferenciação entre um texto midiático e um científico. Os dispositivos da comunicação midiática são marcados por estratégias linguístico-discursivas que favorecem o surgimento dos efeitos patêmicos, já na comunicação científica não há a mesma predisposição para que sejam articulados tais efeitos.

¹ Este exemplo, diferentemente dos outros destacados nesta seção, foi de elaboração própria, uma vez que não encontramos nenhum dado da modalidade do discurso relatado nos *corpora*.

A segunda condição diz respeito ao *campo temático* sobre o qual o dispositivo comunicativo está apoiado. O tema do discurso deve atuar sobre o estado emocional do interlocutor, como ocorre nas cartas de despedida envolvendo assassinato, em que o autor visa a influenciar o estado emocional daquele que lê. Assim, é necessário que haja uma consciência mínima da forma como determinada temática irá afetar o público ouvinte.

Por fim, a terceira condição, denominada *mise en scène*, determina que, a partir de certo espaço que inclua estratégias e restrições, a enunciação seja capaz de envolver o interlocutor em um fazer crer e fazer sentir. Tal instância de enunciação tem por objetivo a construção de uma patemização que levará o interlocutor a alcançar o *crer* e o *sentir*, a partir das estratégias e restrições que delimitam o ato de comunicação.

Os textos do gênero *nota de suicídio* são textos que têm como objetivo principal estabelecer uma comunicação entre locutor e interlocutor. Nas cartas e vídeos deixados por pessoas em uma situação *post mortem*, a intenção maior, além de deixar um aviso àqueles que estão em contato direto com os locutores, é historicizar o ato em si, isto é, contar aos leitores por que praticou o ato e convencê-los de que a prática teve sua razão de ser.

Parece ser possível inferir, então, que as cartas escritas por suicidas deixam, de forma implícita ou não, algo que caracterize e comunique experiências que velam o sofrimento da vítima, trazendo elementos que favorecem a compreensão do que os suicidados gostariam de deixar como registro final de suas vidas. (PEREIRA; FENSTERSEIFER, 2019, p. 371)

Nesta direção, para que a interação seja efetiva, é necessário que exista um *contrato de comunicação*, ou seja, os sujeitos envolvidos na interlocução e dela participem assumem determinadas regras a serem seguidas para que a finalidade da comunicação seja atingida. Tais regras correspondem ao compartilhamento de conhecimentos em comum sobre como se comportar discursivamente em relação àquela situação comunicacional, neste caso, à nota de suicídio. Assim, consoante a Charaudeau, é possível depreender o gênero do discurso como um contrato estabelecido entre o sujeito que interpreta e o locutor, baseado nas regras previamente estabelecidas no ato da comunicação:

[...] diante de um cartaz publicitário, compreende-se parte do que está em jogo mesmo antes que se saiba de qual publicidade se trata. Da mesma maneira, a teoria do contrato remete a uma teoria do gênero, pois pode-se dizer que o conjunto de coerções trazido pelo contrato é o que define um gênero de discurso. (CHARAUDEAU, 2014, p. 132)

É necessário destacar também que, inserido na teoria do contrato, existem dois espaços: um espaço de restrições, que corresponde aos requisitos básicos que deve haver para que o ato da linguagem seja válido, e um espaço de manobras, correspondente às escolhas possíveis relativas à legitimidade e à credibilidade do locutor na *misè en scene*. Ambos os espaços têm por objetivo estabelecer uma interação mais efetiva e atingir as necessidades de cada falante.

As estratégias linguístico-discursivas que perpassam os dados deste trabalho e que apresentam a capacidade de desencadear emoções são diversas (cf. GOUVÊA, 2017), incluindo seleção lexical, modalizadores, operadores argumentativos, entre outros. Para este trabalho, no entanto, as estratégias de patemização a serem investigadas serão as *expressões modalizadoras, palavras ou expressões que desencadeiam emoção, enunciados que podem produzir efeitos patemizantes, palavras que descrevem de modo transparente emoções e índices de avaliação*.

A estratégia *expressões modalizadoras* diz respeito à inserção do sujeito no discurso de forma mais ou menos marcada; assim, é possível observar o posicionamento do enunciador. De acordo com Koch (2015 [1993]) e Gouvêa; Pauliukonis e Monnerat (2013), a modalização exerce a função de marcar o enunciador em seu enunciado, através, por exemplo, de *verbos modais* (dever, poder), *operadores argumentativos* (mas, já, se, então...) e *orações modalizadoras* (eu creio que...; é possível que...)." (SILVA, 2020). Observemos o exemplo em que a modalidade do obrigatório é marcada duas vezes pelos verbos modais:

(5) Primeiramente **deverão** saber que os impuros não **poderão** me tocar sem usar luvas [...]

A estratégia *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*, por sua vez, se caracteriza pela capacidade que alguns sintagmas têm de despertar, por si sós,

emoções no interlocutor, valendo destacar que a possibilidade de despertar emoções ou não depende de imaginários sócio-discursivos dos falantes.

Vejamos o exemplo em que os adjetivos "impuro" e "virgem" (*pessoa impura* e *pessoa virgem*, neste contexto significam pessoa que já teve relação sexual) podem desencadear emoção, tendo em vista que dizem respeito a comportamentos que não condizem com hábitos atuais.

(6) [...] nenhum **impuro** pode ter contato direto com um **virgem** sem sua permissão.

A estratégia *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes* consiste em reunir vários lexemas que, *a priori*, não são capazes de, isoladamente, desencadear qualquer efeito patemizante, porém, agrupados em um enunciado sintaticamente complexo, pode levar a produção do efeito patemizante. Mesmo não havendo palavras explicitamente patemizantes, o *dispositivo comunicativo* propicia o surgimento de emoções, graças às inferências feitas pelo interlocutor diante da situação comunicativa.

Observemos o exemplo abaixo, o qual corresponde a um saber de crença, ou seja, representa uma convicção religiosa.

(7) [...] para que na sua vinda **Jesus me desperte do sono da morte para a vida eterna.**

Quanto a estratégia *palavras que descrevem de modo transparente emoções*, é possível identificar sua relação com o próprio léxico, uma vez que tal estratégia reúne lexemas que se referem diretamente ao campo semântico das emoções. Para essa estratégia, não há restrição de classe gramatical, pois diversas delas podem ser concentradas aqui.

Eis o exemplo, cujas palavras correspondem aos sentimentos de *proteção* e de *carinho*.

(8) [...] pois os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de **proteção** e **carinho** do que os seres humanos [...]

Por fim, a estratégia *Índices de avaliação*, inserida no *princípio de avaliação*, diz respeito à forma como o enunciador julga determinada situação no mundo. Tal asserção significa dizer que, através do uso de determinadas seleções lexicais, o locutor emite sua opinião e “(...) pode deixar claro o seu ponto de vista e, com isso, provocar determinadas emoções no interlocutor através daquilo que é dito e da forma como se diz.” (SILVA, 2020, p. 61).

O exemplo seguinte expressa a opinião do locutor de que uma pessoa que ajuda é generosa. Não necessariamente essa é a opinião de todos.

(9) [...] existem instituições pobres, financiadas por pessoas **generosas** que cuidam de animais abandonados [...]

Seguindo, então, estudos prévios de Gouvêa, é importante investigar o fenômeno do *pathos* em notas de suicídio de homicidas/suicidas, analisando as estratégias linguístico-discursivas de patemização.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consistiu em selecionar dois *corpora* de pessoas caracterizadas como homicidas/suicidas, ou seja, pessoas que assassinaram outras e, logo após, tiraram a própria vida. Os *corpora* produzidos foram, respectivamente, uma carta e um vídeo, encontrados em sites de jornais online - NBC News e G1. Tais evidências foram produzidas por dois homens jovens, sendo eles, Wellington Menezes de Oliveira, envolvido no massacre da Escola Municipal Tasso da Silveira, na cidade do Rio de Janeiro – evento que ficou conhecido como “Massacre de Realengo” –, e Cho Seung-Hui, na Universidade e Instituto Politécnico Virginia Tech, nos Estados Unidos – incidente que recebeu a denominação de “Massacre de Virginia Tech”.

Para tal, foi feita uma análise minuciosa em cada um dos objetos de pesquisa, buscando observar as ocorrências tanto pelo viés quantitativo, ou seja, a quantidade de ocorrências de cada estratégia, quanto pelo qualitativo, observando a conjuntura em que cada estratégia estava inserida. Além disso, procuramos também relacionar as amostras através de uma orientação comparativa, visto que os contextos de produção dos textos investigados neste trabalho foram ao encontro um do outro, isto é, ambos foram escritos antes que os atentados nas duas escolas fossem cometidos.

No que diz respeito às estratégias de patemização, o presente estudo teve como foco as seguintes: expressões modalizadoras, palavras ou expressões que desencadeiam emoção, enunciados que podem produzir efeitos patemizantes, palavras que descrevem de modo transparente emoções e índices de avaliação. Esses itens foram selecionados por se mostrarem os mais produtivos para a finalidade do estudo, que se baseia em avaliar o caráter pessoal do interlocutor, principalmente os recursos que ele escolhe utilizar com o fito de persuadir seu público.

Quanto à aplicação de recursos materiais, foram utilizados texto e vídeo supracitados, cada um compondo seu *corpus*, bem como os programas Docs, Word e Excel, com o intuito de concentrar os dados em um local que facilitasse a busca dos dados que compõem as análises qualitativa e quantitativa. Tais funcionalidades agregaram para comprovar ou refutar as hipóteses levantadas para esta monografia.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

4.1 Análise qualitativa

A análise dos *corpora* selecionados para este trabalho será apresentada neste tópico. A fim de uma melhor visualização, a investigação se dará primeiro pela carta e em seguida pela transcrição do vídeo. Ambas as análises levarão em conta as estratégias de patemização organizadas por Gouvêa (2017).

Em relação à carta de Wellington Menezes de Oliveira, apresentaremos e comentaremos alguns dos dados encontrados e, posteriormente, analisaremos por um viés quantitativo, com a intenção de traçar um comparativo entre os escopos escolhidos.

Primeiramente, é importante ressaltar que efeturemos a análise da argumentação patemizante dando destaque aos casos que apresentaram alguma característica que mais nos chamou atenção, visto que a análise qualitativa pede, como propriedade intrínseca, uma investigação mais aprofundada. Dessa forma, daremos destaque a alguns exemplos selecionados, já que não é possível nos fixarmos a todas as ocorrências de forma exaustiva.

Conforme já foi mencionado nos pressupostos teóricos, os textos investigados, por serem oriundos de situações de comunicação relativas a homicídio seguido de suicídio, apresentam as três condições para que um enunciado seja considerado patêmico, como explica Charaudeau (2010). Assim, tanto o dispositivo comunicativo, nota de suicídio, quanto a temática evocada, o aviso do cometimento de um assassinato e posterior suicídio, bem como a visada de fazer-criar para fazer-sentir já favorecem a instauração de uma atmosfera que permite o despertar de sentimentos relacionados à compaixão, à compreensão e à culpabilidade no sujeito interpretante para quem o texto, seja em formato escrito ou oral, é destinado.

Dito isso, a fim de contextualizar a produção do primeiro *corpus*, bem como a motivação para a sua criação, algumas informações valem o destaque antecipadamente, para que o entendimento acerca de sua produção seja inserido no espaço, no tempo e no meio social.

No dia 7 de abril de 2011, Wellington, de 23 anos, entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, de onde era ex-aluno, e disparou tiros contra os alunos com seus dois revólveres comprados clandestinamente. Com o atentado, 10 meninas e 2

meninos morreram, assim como o próprio atirador que, após ser baleado por um policial, atirou contra a própria cabeça, cometendo suicídio. O jovem já possuía histórico de transtornos mentais e sofria *bullying* quando estudava, o que, para a polícia, teria sido a motivação para que cometesse o massacre. A carta deixada por ele, figura de nossa pesquisa, foi deixada no local do crime. Dito isso, partimos para as devidas análises.

O texto se inicia com Wellington utilizando o vocábulo “Primeiramente”, o qual constitui uma estratégia de patemização que se classifica como *princípio da classificação/enumeração*. Como este vocábulo foi o primeiro escolhido por ele, decidimos destacá-lo em relação a todo o restante da carta, pois essa ocorrência é única, mas, por uma visão geral do texto, optamos por analisá-la brevemente.

(10) **Primeiramente** deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem usar luvas, somente os castos [...] os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco que está nesse prédio.

A escolha desse vocábulo indica que posteriormente o locutor irá fazer uma série de outros comentários em relação a sua primeira fala, como se estivesse dando instruções do que fazer em primeiro, segundo, terceiro lugares *etc.* Percebemos que essa estratégia pode desencadear no leitor um *sentimento de curiosidade*, já que o texto se inicia inserindo um passo a passo no que se refere às orientações que o locutor pretende dar para quem manusear o seu corpo. É possível observar que as seis orientações (1. impuros com luvas, 2. puros sem elas, 3. para o sepultamento retirar sua vestimenta, 4. banhá-lo, 5. secá-lo e 6. envolvê-lo num lençol branco) são apresentadas, uma seguida da outra por vírgulas, sendo a última introduzida pelo operador argumentativo “e”, com valor semântico de adição. Esse operador pode provocar um sentimento de alívio no leitor, pelo término, tendo em vista que não são poucas as exigências. de quem está vivo, mas pretende morrer.

O trecho abaixo, uma continuação do parágrafo acima, é importante, pois nele é possível notar outros vocábulos relevantes para a análise: os verbos modais. As diversas vezes em que o locutor utiliza os verbos *dever* e *poder* mostram que há uma série de informações para aqueles que irão velar o seu corpo, como se ele estivesse

dando instruções para facilitar o processo anteriormente previsto. Essa acepção coloca o enunciador em uma posição quase de dar ordem, de dar ou não dar permissão (deverão saber que os impuros não poderão me tocar; os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar). Entendemos que se trata de uma posição mais marcada no discurso, determinada como padrão para seu enunciado, o que demonstra o mesmo posicionamento de mandar alguém fazer alguma coisa através do uso constante das **expressões modalizadoras**, estratégias de patemização destacadas abaixo.

(11) [...] **deverão** saber que os impuros não **poderão** me tocar sem usar luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério **poderão** me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero **poderá** ter contato direto comigo, nem nada que seja impuro **poderá** tocar em meu sangue, nenhum impuro **pode** ter contato direto com um virgem sem sua permissão [...]

Outro excerto cujo destaque vale a pena – e esse é muito relevante dada a caracterização do gênero *nota de suicídio* – diz respeito à temática da religiosidade, mais especificamente à figura cristã de Jesus Cristo. É possível notar uma alta conotação do aspecto religioso no trecho em destaque a seguir.

(12) Preciso da visita de um **fiel seguidor de Deus** em minha sepultura pelo menos uma vez, preciso que ele **ore** diante de minha sepultura pedindo o **perdão de Deus** pelo o que eu fiz **rogando** para que na sua vinda **Jesus me desperte do sono da morte para a vida eterna**.

É possível observar que há uma apresentação de um conceito ligado ao divino, representado pelas *palavras que desencadeiam emoção*, como “fiel”, “rogando” e “perdão”, e pelos *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, como “Preciso da visita de um fiel seguidor de Deus” e “Jesus me desperte do sono da morte para a vida eterna”.

Não é possível depreender que a escolha dos enunciados proferidos pelos locutores e a natureza de produção da carta tenham qualquer relação. Podemos, no entanto, depreender que o uso dessas estratégias está ligado ao campo temático no

qual a carta está inserida, uma vez que o locutor tem o mínimo de consciência do documento que produziu, e esse tipo de produção – *nota de suicídio* – traz consigo uma ambientação de religiosidade.

Handelman e Lester (2007, *apud* PEREIRA; FENSTERSEIFER, 2019, p. 371) analisaram “40 cartas de suicidas e constataram [...] um apego maior a divindades e à metafísica, tais como menções à Deus e ao paraíso.” Isso demonstra que há certa tendência de que suicidas apelem a essas entidades ao produzirem esse tipo de relato, algo que pode ser motivado pela proximidade com a morte e a expectativa, baseada na crença cristã, de que há algo bom após a morte.

Ainda tratando do estudo mencionado anteriormente, Pestian e colaboradores (2012, *apud* PEREIRA; FENSTERSEIFER, 2019, p. 371) observaram que, dentre as cartas analisadas em seus estudos, aquelas que foram escritas por sujeitos mais jovens revelaram-se com uma tendência a serem “mais longas e ricas em emoções tais como perdão e súplica”.

(13) [...] eu **peço por favor** que tenham bom senso e cumpram **meu pedido**, pois **cumprindo o meu pedido**, automaticamente estarão cumprindo a **vontade** dos pais que **desejavam** passar esse imóvel para meu nome e todos sabem disso, **senão cumprirem meu pedido**, automaticamente estarão desrespeitando a **vontade** dos pais [...]

Observando o excerto acima, é presumível que haja uma relação entre o resultado do estudo de Pestian e colaboradores e o trecho em questão. Tal presunção é estabelecida a partir dos vocábulos destacados, que são do tipo palavras ou expressões que desencadeiam emoção, os quais são ricos das emoções descritas, principalmente de súplica, marcados pelas expressões como “por favor”, “pedido” e “vontade dos pais”, bem como a conotação geral do trecho, carregada do reforço constante para que as pessoas cumpram com o desejo do locutor.

Outro aspecto que vale a pena ser mencionado diz respeito às ocorrências de expressões que, prototipicamente, não pertencem a um universo emocional, mas que desencadeiam emoção no contexto em que se encontram. Alguns exemplos dos dados considerados, *palavras que desencadeiam emoção*, encontrados são: impuro, castos, castidades, adultério, adúltero, fornicador, virgem, sepultamento, caixão, rogando, instituições pobres, doando e dormem.

Esses vocábulos, talvez, não fossem considerados patemizantes em outros contextos, mas, na conjuntura de produção deles, os efeitos patemizantes estão em grande destaque. Considerando que se trata de uma carta de suicídio, produzida por um homicida/suicida, os termos descritos podem ter provocado sentimentos de *compaixão*, *tristeza* ou até mesmo *punição* e *condenação*, suscitados pela indignação que o evento promoveu na população brasileira como um todo.

Tratando, agora, dos **índices de avaliação**, foram encontrados 3 dados que dizem respeito a essa estratégia. São eles: generosas, desprezados e bom senso. A partir desses dados encontrados, nota-se que o posicionamento que Wellington adota é o de uma pessoa compassível com as figuras a que se refere.

(14) [...] existem instituições pobres, financiadas por pessoas **generosas** que cuidam de animais abandonados, eu quero que esse espaço [...] seja doado à uma dessas instituições, pois os animais são seres muito **desprezados** e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos [...] eu peço por favor que tenham **bom senso** e cumpram meu pedido [...]

Sobre isso, é interessante ressaltar que, através do uso desses índices de avaliação, o locutor demonstra sentir piedade muito mais pelos animais do que pelos seres humanos, o que vai ao encontro de suas próprias atitudes da vida fora da carta.

A respeito da modalidade *palavras que descrevem de modo transparente emoções*, neste momento do *corpus* foram encontradas as seguintes ocorrências: impuro, consideração, proteção, carinho e consideração. Dentre os itens mencionados, vale destacar o contexto do vocábulo “impuro”, apresentado no trecho abaixo:

(15) [...] os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero poderá ter contato direto comigo, nem nada que seja **impuro** poderá tocar em meu sangue, nenhum **impuro** pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão [...]

É possível notar que a palavra “impuro” aparece duas vezes no mesmo período. Decidimos, no entanto, classificá-las como estratégias diferentes dada a natureza semântica em que cada uma está inserida. Categorizamos, respectivamente, como *palavra que descreve de modo transparente emoções* e *palavra que desencadeia emoção*.

No primeiro contexto, o locutor está se referindo aos objetos que supostamente iriam tocá-lo. Tal ideia é trazida pela antecipação de outros objetos na frase que poderiam ser impuros para ele – como as luvas de uma pessoa adúltera. O uso do adjetivo “impuro” pode provocar no leitor um *sentimento de perplexidade*, pelo conceito de impureza que o indivíduo tinha. Já no segundo contexto, é possível notar que “impuro” traz a ideia de impureza se referindo a uma pessoa – nenhum (homem/ser humano) impuro pode ter contato direto com um virgem. Aqui, o sentimento desencadeado também pode ter sido o mesmo, o de perplexidade, já que, para ele, a pessoa impura é aquela que já teve relações sexuais.

Finalizada a análise de todos os aspectos mais importantes da carta de Wellington Menezes de Oliveira, partiremos, então, para a análise da transcrição de um vídeo de Cho Seung-Hui, deixado, também, como uma nota de suicídio. Novamente, apresentaremos e comentaremos alguns dos dados encontrados e, finalmente, analisaremos por um viés quantitativo.

Em 16 de abril de 2007, Cho Seung-Hui, de 23 anos, estudante do Instituto Politécnico e Universidade da Virgínia, entrou em dois prédios da escola e assassinou 33 pessoas – estudantes, professores e a si mesmo. Entre a ida de um prédio a outro, enviou o “Manifesto Multimídia” à emissora de TV NBC, sendo parte do seu conteúdo um dos materiais de estudo deste trabalho.

O “Manifesto Multimídia”, assim denominado pela rede televisiva na qual foi entregue o conteúdo em questão, contava com uma série de autorretratos de Cho segurando armas e vídeos explicando o massacre que viria a cometer. O jovem era sul-coreano, mas vivia no estado da Virgínia, EUA, desde criança. Em suas falas declara ter sofrido bullying durante o período escolar, e essa teria sido a principal motivação para o cometimento do crime. Isso posto, partiremos para as devidas análises.

Percebe-se que há a tentativa de extrair o máximo de proveito da visibilidade que o jovem ganha ao contar com a participação da mídia para promover seu discurso. Diferentemente do caso anterior (da carta de Wellington), os vídeos deixados por Cho

tenham o objetivo evidente de atingir grande parcela da população, visto que deixou seu material audiovisual especialmente para o meio de comunicação responsável por divulgação desse tipo – do tipo trágica – que chama a atenção. Em vista disso, seu discurso é bastante voltado à apelação argumentativa, demonstrada através de uma linguagem que busca imortalizá-lo na memória da tragédia.

A princípio, vale destacar que este *corpus* não possui uma linearidade de começo, meio e fim. Uma vez que os vídeos foram entregues à emissora NBC, não foi mais possível identificar o que teria sido gravado primeiro ou por último, já que, nas filmagens, não há data ou qualquer referência de ordem cronológica. Uma pista que poderia servir como ferramenta para auxiliar as datas das produções seriam as vestimentas do jovem, que são variadas ao longo dos vídeos, porém essa investigação não apresenta substancial relevância para o presente estudo. Dessa forma, optamos por manter a ordem de apresentação da análise tal qual foi mostrada na NBC News quando a reportagem foi ao ar.

Pelos motivos acima relatados, a forma como iremos apresentar a análise desta parte do estudo se dará discutindo vídeo a vídeo. Tal acervo é composto por vídeos curtos e suas respectivas transcrições têm a mesma característica. Assim sendo, partiremos para os trechos coletados.

Como primeiro vídeo transcrito, temos o trecho a seguir:

(16) "Eu não tinha que fazer **isto**. Eu **poderia** ter saído. Eu **poderia** ter fugido. Mas não, eu não vou mais correr. Não é para mim. Por meus filhos, por meus irmãos e irmãs que vocês foderam. Eu fiz **isto** por eles."

Em relação à primeira frase (Eu não tinha que fazer **isto**), temos a estratégia *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, visto que o leitor, que poderia facilmente ser algum familiar de uma das vítimas, poderia, ao ler o enunciado, experimentar um sentimento de desespero, pensando que ele realmente não tinha o direito de causar tanta dor em diversas pessoas. O vocábulo “isto” provoca a lembrança da tragédia ocorrida e o fato de o locutor dizer que não tinha que fazer isto (o massacre) carrega consigo um efeito patemizante. É possível notar que há um certo nível de consciência quando ele diz que “não deveria ter feito isto”, mas logo há a retomada da sua verdadeira intencionalidade, trazida pelo enunciado seguinte: “Eu poderia ter fugido. Mas não, eu não vou mais correr.”

Outros elementos interessantes a serem destacados são as expressões modalizadoras “poderia”, com duas ocorrências. A escolha por fazer o uso desses verbos modais reforçam, novamente, essa consciência que o locutor transmite por saber a natureza e intenção de seus vídeos, bem como a sua posição mais marcada no discurso, conforme já demonstrado em estudos prévios de Koch (2015 [1993]) e Gouvêa; Pauliukonis e Monnerat (2013).

Partimos agora para o próximo vídeo, colado na transcrição abaixo.

(17) "Vocês tiveram bilhões de chances e formas de evitar o que aconteceu hoje. Mas vocês decidiram derramar meu **sangue**. Vocês me **encurralaram** e só me deram uma opção. A decisão foi de vocês. Agora **vocês têm sangue em suas mãos que jamais será lavado.**"

Neste trecho, encontramos ocorrências das estratégias *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*, identificadas pelos vocábulos “sangue” e “encurralaram”, que trazem concepções de agressividade, perseguição e confinamento, e *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, presente na última frase do trecho: **vocês têm sangue em suas mãos que jamais será lavado**.

Em relação a estes elementos, nota-se a aproximação ao campo religioso quando o locutor faz uma referência a um evento bíblico em que Pôncio Pilatos, governador da Judeia, condenou à cruz, Jesus Cristo.

“Então Pilatos viu que não conseguia nada e que o povo estava começando a se revoltar. Aí mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão e disse: — Eu não sou responsável pela morte deste homem. Isso é com vocês.” (Mt 27: 24-25)

A frase proferida pelo locutor do vídeo “Agora vocês têm sangue em suas mãos que jamais será lavado” mostra uma referência, de forma indireta, ao trecho relatado acima. A alusão que ele faz, no entanto, ao comparar as pessoas a quem ele culpa a Pilatos tem discrepância, uma vez que Pilatos “lava suas mãos”, com o sentido de se eximir de culpa em relação ao ocorrido, enquanto as pessoas a quem ele culpa ainda carregam esse sangue nas mãos, que não poderá ser lavado, querendo dizer que eles sempre serão os culpados pela tragédia.

Sob essa perspectiva, podemos pensar que o leitor, ao ter contato com esse trecho, que apresenta vocábulos patemizantes, pode ter *sentimento de indignação* pelo fato de que o enunciador, um homicida, está se comparando à Pilatos, que condenou pessoas à morte, mas se absteve disso, terceirizando sua culpa a outros. Cho, ao ver seu feito como algo positivo, pois diante de sua perspectiva ele não atribuiu culpa a si mesmo pela morte das 32 vítimas do massacre, já que “lavou as suas mãos” tal qual fez Pilatos na história, pode ter provocado no alocutário sentimentos de revolta e rancor em relação a seu ato e palavras.

Essa mesma referência pode ser observada já no vídeo seguinte, em que fica clara a alusão à Bíblia, mais especificamente ao Livro do Êxodo (Ex 13: 21-22), um dos primeiros livros do Antigo Testamento.

(18) **“Como Moisés**, eu abri o mar e guiei o meu povo, os fracos, os indefesos, as crianças inocentes de todas as idades.”

No vídeo em questão, o locutor se coloca como uma figura de salvador, em que percebe seu ato como o de um profeta, de salvador, ao fazer a comparação de si mesmo com uma importante figura histórica: Moisés. Por esse motivo, esse trecho pode ser descrito como *enunciado que pode produzir efeitos patemizantes*, visto que a comparação do seu ato a um documento considerado sagrado pode causar *sentimentos de indignação* em seu leitor.

Não se limitando a essas referências bíblicas, Cho Seung-Hui se compara ao próprio Cristo crucificado. No trecho a seguir é possível notar essa exata comparação quando ele se utiliza do recurso gramatical “conjunção subordinativa comparativa” para se equiparar à figura de Jesus.

(19) “Vocês devastaram meu coração, violaram minha alma e queimaram minha consciência. Acreditavam que estavam extinguindo a vida de um menino patético. **Graças a vocês, morro como Jesus Cristo, para inspirar gerações de pessoas frágeis e indefesas.**”

Ao fazer a associação entre o seu ato e o ato de Jesus (referência a salvação da humanidade consumada pela sua morte na cruz), os vídeos passam, então, a ser uma clara referência bíblica: a condenação por Pilatos, até a consumação do ato da

morte de Jesus Cristo são comparadas, respectivamente, ao bullying sofrido por Cho (principal motivação do crime) e posterior massacre cometido por ele. Essa comparação pode desencadear um *sentimento de perplexidade* no leitor, pois o rapaz potencializa ao máximo seu sofrimento, comparando-o com o de Jesus. Além desses elementos, é possível observar uma ocorrência do índice de avaliação, elucidado pela expressão “menino patético”, sendo uma evidente avaliação que ele faz sobre si mesmo, considerando como algo que ele pensa que as pessoas pensam dele. Neste momento, o leitor pode sentir, por exemplo, uma *pena* muito grande do autor das tragédias.

Pelos motivos mencionados, temos ainda mais suporte linguístico-discursivo que evidencia a produção de efeitos patemizantes. Ao fazer uso de um *enunciado que pode produzir efeitos patemizantes*, conforme destacado no exemplo, o locutor faz uso das estratégias de patemização que são a base teórica deste trabalho.

Tratando agora do próximo vídeo, temos o seguinte trecho:

(20) “É isso. Aí é onde tudo acaba. Fim da estrada. O que a vida foi. Alguma vida.”

A relevância desse dado diz respeito a sua particularidade diante dos outros trechos analisados no *corpus*. Considerando também a carta de Wellington, bem como as outras partes do vídeo de Cho, este é o único trecho em que constatamos a ocorrência da modalidade delocutiva, mais especificamente da *asserção*. Isso é evidenciado pela total ausência de marcas de 1ª e 2ª pessoas do discurso, demonstrando um completo afastamento do locutor e do interlocutor. Tendo isso em vista, tais frases podem causar no leitor um *sentimento de questionamento em relação ao enunciadador*, pois, em seus outros discursos, ele se posiciona de forma bastante marcada e nesse, por outro lado, há muito distanciamento de sua pessoa, não havendo nenhum tipo de marcação das pessoas do discurso.

Partiremos, agora, para o próximo trecho transcrito.

(21) “Vocês acharam que eu queria fazer **isso**? Vocês acham que eu alguma vez sonhei em morrer **assim**? Em um milhão de anos, eu não queria **isso**.”

No excerto acima, chamam atenção os elementos dêiticos² que remetem ao atentado cometido pelo locutor, bem como à forma como ocorreram os fatos – os elementos linguísticos encapsuladores *isso* (pronome) e *assim* (advérbio). O locutor, ao fazer uso de tais elementos, utilizando-se da estratégia *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*, parece não querer nomear o ocorrido, demonstrando, através da substituição de substantivos ou outros termos por essas referências dêiticas que, de certa forma, “suavizam” o ato, justamente por não dizer as palavras que o definem: assassinato e suicídio.

Terminada esta breve análise, vejamos a próxima transcrição:

(22) "Vocês sabem a sensação que dá quando **cospem na sua cara e jogam lixo por sua goela abaixo?** Vocês sabem a sensação que dá **cavar sua própria sepultura?** Vocês sabem a sensação que dá **ter sua garganta cortada de orelha a orelha?** Vocês sabem a sensação que dá **ser queimado vivo?** Vocês sabem a sensação que dá **ser humilhado e ser pregado em uma cruz para sangrar até a morte para sua diversão?"**

Nesse trecho, observamos todos os dados como **enunciados que podem produzir efeitos patemizantes**, uma vez que há palavras patemizantes – o que poderia defini-las como palavras ou expressões que desencadeiam emoção –, como lixo, cavar, sepultura, garganta cortada, queimado vivo *etc*, porém essas expressões só têm seu sentido completo quando colocadas em contextos com seus respectivos verbos (dar, ter e ser). Nesse sentido, classificamos todos os dados considerando o enunciado como um todo, não apenas a expressão que mais chama a atenção, pois “cospem” pode ser uma palavra que desencadeia emoção, mas “cospem na sua cara” tem uma acepção de humilhação muito mais forte, por exemplo.

Em contraste com o trecho anterior, no seguinte não identificamos os enunciados que podem produzir efeitos patemizantes. Por outro lado, dados com **palavras ou expressões que desencadeiam emoção e índices de avaliação** foram bastante produtivos. Observemos:

² Segundo Leal (2013) “Para Bühler (1982), dêiticos são expressões referenciais, cujo significado completo depende de aspectos da situação enunciativa. Essa forma de entender o recurso da dêixis exige, portanto, conhecimento do tempo e do lugar em que a pessoa do discurso se encontra”.

(23) “Vocês tinham tudo o que queriam. Suas **Mercedes** não lhes bastam, seus **mimados**. Seus **colares de ouro** não são suficientes, seus **esnobes**. Seu **dinheiro no banco** não foi suficiente. Sua **vodca e conhaque** não foram suficientes. Toda a sua **devassidão** não foi suficiente. Elas não foram suficientes para atender a suas **necessidades hedonistas**. Vocês tinham tudo.”

Conforme destacado, em relação à primeira estratégia, temos como *palavras ou expressões que desencadeiam emoção* as seguintes: “Mercedes”, “colares de ouro”, “dinheiro no banco” e “vodca e conhaque”. Essas expressões colocam como evidência a posição do locutor que, a todo momento de seu discurso, se posiciona como vítima, mártir dos privilegiados. Ao utilizar essas expressões que, no mundo real, são sinônimas de riqueza, ostentação, ele constata sua “pobreza”, seja no sentido financeiro, seja no figurado, e coloca seus *bullers*³ em uma posição de superioridade em todos os sentidos, causando um sentimento no leitor de ser alguém digno de pena, visto que aqueles a quem o locutor culpa do crime são ricos e ele não, o que justificaria seus atos.

Ainda tratando do trecho (23), os *índices de avaliação* são constatados nos vocábulos “mimados”, “esnobes”, “devassidão” e “necessidades hedonistas⁴”. Através dessas expressões, vemos uma posição mais marcada do locutor, isto é, um posicionamento mais claro quanto à questão. O discurso do enunciador, relacionado às expressões que antecedem os respectivos índices de avaliação, aponta para raciocínios como “vocês são mimados porque têm Mercedes”, ou ainda “suas necessidades são hedonistas, supérfluas, e, além de terem tudo isso (dinheiro, carros e bebidas) ainda queriam me fazer sofrer”.

O que vale destacar sobre os dados anteriores, como já evidenciado na seção 2 deste trabalho, é que os índices de avaliação se referem à forma como o enunciador julga determinada situação. Isso não significa que, de fato, as pessoas a quem Cho

³ Aquele que pratica o *bullying*

⁴ O hedonismo é uma doutrina moral e filosófica que prega a ideia de prazer extremo, um bem supremo que traz sentido para a vida e existência humana. Elaborado na Grécia Antiga, acredita que a busca incessante pelo prazer e a negação das dores são meios para o encontro da felicidade. [...] Como é uma filosofia que enxerga o prazer como a principal finalidade da vida humana, foi considerada pecaminosa por diversas religiões.

se refere sejam necessariamente “esnobes”, “mimados”, “devassos” e tenham “necessidades hedonistas”. Essa é, na verdade, a forma como *ele* as enxerga. Essas formulações podem provocar no leitor um *sentimento de certeza ou segurança no que o rapaz fala*, justificado pelas constatações como um fato objetivo de tudo o que ele verbaliza, demonstrando autoridade de que aquilo que se diz é quase uma verdade absoluta.

(24) “Quando chegou a hora, eu **fiz**. Eu tive que **fazer**.”

Neste último trecho, observam-se enunciados que podem provocar efeitos patemizantes: “eu fiz”, “Eu tive que fazer”. No entanto, vale mencionar o fato de que é evidente que o locutor sempre evita mencionar os atos cometidos, alterando os vocábulos que se direcionam especificamente à ação ocorrida para outros recursos coesivos que remetam ao evento, tal qual ocorre no trecho do exemplo 16. Novamente, é possível perceber que ele pode desencadear um efeito de *provocação de lembranças ruins* no leitor pelo (não) uso dos vocábulos que remetem ao ato, *da lembrança da tragédia ocorrida*, que deixa em aberto o que ele pode ter feito – ele **fez** o quê? / ele teve que **fazer** o quê?

Passemos, agora, para uma análise do ponto de vista quantitativo.

4.2 Análise quantitativa

Nesta primeira tabela podemos observar as estratégias de patemização no que se refere ao *corpus* produzido por Wellington através da carta:

Estratégia	Número de ocorrências	Frequência (%)
Expressões modalizadoras	11	23,4%
Palavras ou expressões que desencadeiam emoção	19	40,4%
Enunciados que podem produzir efeitos patemizantes	9	19,2%
Palavras que descrevem de modo transparente emoções	5	10,7%

Índices de avaliação	3	6,3%
Total de ocorrências de todas as estratégias	47	100%

Tabela 1: Distribuição da frequência de ocorrências das estratégias de patemização mais produtivas no *corpus* “Carta de Wellington”. Fonte: Elaboração nossa.

É possível observar, nesta primeira tabela, que há um total de 47 ocorrências no que se refere a todas as estratégias com maior produtividade encontradas, isto é, em maior número, no que aqui estamos considerando como primeiro *corpus*. Com maior número de ocorrências, temos a estratégia *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*, somando 40,4%, seguida das *expressões modalizadoras*, com 23,4%, depois os *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, com 19,2%, logo após as *palavras que descrevem de modo transparente emoções*, somando 10,7%, e, finalmente, os *índices de avaliação*, contabilizando mais 6,3%.

Seguindo, agora, para a tabela 2, observaremos as estratégias de patemização utilizadas no *corpus* de Cho por meio dos vídeos transcritos:

Estratégia	Número de ocorrências	Frequência (%)
Expressões modalizadoras	2	5,6%
Palavras ou expressões que desencadeiam emoção	13	36,1%
Enunciados que podem produzir efeitos patemizantes	12	33,3%
Palavras que descrevem de modo transparente emoções	3	8,3%
Índices de avaliação	6	16,6%
Total de ocorrências de todas as estratégias	36	100%

Tabela 2: Distribuição da frequência de ocorrências das estratégias de patemização mais produtivas no *corpus* “Vídeos transcritos de Cho”. Fonte: Elaboração nossa.

Em relação à tabela 2, vemos que há um total de 35 ocorrências das estratégias que foram investigadas neste trabalho. Dentre elas, destaca-se, como mais produtiva, a estratégia *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*, somando uma porcentagem de 36,1, seguida dos *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, com 33,3%. Após isso, temos os *índices de avaliação*, somando mais

16,6%. Logo depois temos as *palavras que descrevem de modo transparente emoções*, somando 8,3%, e, finalmente, as *expressões modalizadoras*, com 5,6%.

Os dados das tabelas 1 e 2 confirmam a **primeira hipótese** postulada, que diz que a estratégia mais produtiva em ambos os *corpora* seria *palavras ou expressões que desencadeiam emoção*. Essa hipótese foi confirmada visto que, em ambos os *corpora*, essa estratégia apresentou, respectivamente, 40,4% e 36,1%, mostrando ser a mais produtiva nas tabelas.

Vejamos a próxima tabela.

	Expressões modalizadoras	Palavras ou expressões que desencadeiam emoção	Enunciados que podem produzir efeitos patemizantes	Palavras que descrevem de modo transparente emoções	Índices de avaliação
Carta de Wellington	84,5% (11)	59,3% (19)	45% (9)	62,5% (5)	33,3% (3)
Vídeos transcritos de Cho	15,5% (2)	40,7% (13)	55% (11)	37,5% (3)	66,6% (6)
Total	13	32	20	8	9

Tabela 3: Estratégias de patemização presentes na carta de Wellington vs. Estratégias de patemização presentes nos vídeos transcritos de Cho". Fonte: Elaboração nossa.

A partir da observação desta terceira, e última, tabela, temos a visualização de todas as estratégias e suas respectivas comparações entre um *corpus* e outro. Dessa forma, foi possível notar que cada estratégia, em sua maioria, apresenta diferenciação em relação ao seu equivalente do outro *corpus*, apontando assim para uma possível refutação da **segunda hipótese** postulada.

Constatamos, de acordo com a tabela, que há diferenças de resultados entre a maioria das estratégias, visto que a porcentagem de ocorrências entre elas é bastante distante. Assim, temos os seguintes dados no primeiro e segundo *corpus*, respectivamente: expressões modalizadoras com 84,5% e 15,5%, palavras ou expressões que desencadeiam emoção com 59,3% e 40,7%; enunciados que podem produzir efeitos patemizantes com 45% e 55%, palavras que descrevem de modo transparente emoções com 62,5% e 37,5% e índices de avaliação com 33,3% e 66,6%.

É possível perceber que a segunda hipótese, a qual diz que haveria coincidências no que diz respeito às estratégias utilizadas em cada *corpus*, apresenta certo entrave, pois as porcentagens relativas às estratégias em cada *corpus* se diferem de maneira considerável. Como exemplo, vemos na estratégia *palavras ou expressões que desencadeiam emoção* que há aproximadamente 19% de discrepância entre um *corpus* e outro. Assim, comparando os números acima mencionados, notamos que apenas uma das estratégias, os *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes*, apresentou equiparação entre os números – tendo apenas 10% de diferença percentual de um *corpus* para o outro.

Realizadas, portanto, as análises qualitativa e quantitativa, segue-se a conclusão do estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, foi possível notar algumas diferenças e semelhanças no que tange às estratégias de patemização utilizadas em ambos os *corpora*. Nesse sentido, procuramos retomar, nesta seção, as hipóteses apresentadas anteriormente e compará-las com os resultados obtidos.

Como foi observado no tópico 4.2, em que tratamos da análise quantitativa, as estratégias puderam ser conferidas ao fazermos a comparação numérica entre os dois *corpora*. Assim, foi possível observar que, em relação ao que postulamos, a **primeira hipótese** foi comprovada, visto que, de acordo com as tabelas 1 e 2, a estratégia *palavras ou expressões que desencadeiam emoção* foi a mais produtiva nos dois *corpora*. Essa comprovação foi demonstrada pela apresentação das porcentagens dessa estratégia em questão, que se sobressaiu em relação às outras, tendo, no primeiro *corpus*, 40,4% (19 ocorrências) e, no segundo, 36,1% (13 ocorrências).

A **segunda hipótese**, que trata das coincidências entre as estratégias utilizadas em cada *corpus*, verificamos, através da tabela 3, da seção anterior, que ela foi refutada, visto que há uma diferenciação entre as estratégias de um *corpus* se comparadas às mesmas estratégias no outro *corpus*. Assim, as estratégias *expressões modalizadoras, palavras ou expressões que desencadeiam emoção, palavras que descrevem de modo transparente emoções* e os *índices de avaliação* apresentaram divergência no que diz respeito às porcentagens em cada *corpus*. Apenas a estratégia *enunciados que podem produzir efeitos patemizantes* não foi considerada nesta divergência, pois apresentou equivalência maior entre seus números (45% e 55%) se comparada aos das outras estratégias, entretanto, como foi apenas uma das estratégias, entendemos que as demais foram suficientes para dar conta de contestar essa hipótese levantada.

Tendo em vista as constatações acima mencionadas, podemos dizer que as hipóteses aventadas neste trabalho foram verificadas, sendo confirmadas ou contestadas. Desse modo, entendemos que é possível estabelecer relação entre dois *corpora* de dispositivos diferentes, mas de mesmo gênero textual. O estudo aqui apresentado deu conta de estabelecer, como um primeiro passo de uma pesquisa que ainda poderá ser profundamente desenvolvida, que as estratégias de patemização seguem possíveis padrões de utilização em um discurso de homicidas-suicidas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Editora: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Pathos e o discurso político**. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia. As emoções no discurso. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 241 – 251.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

DAEMON, F. “**Morri para inspirar vocês**”: uma análise das narrativas em **disputa perpetradas por jovens homicidas/suicidas em ambientes escolares**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 10, n. 4, 2016. DOI: 10.29397/reciis.v10i4.1021 Acesso em: 06 jun. 2022.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. **Um estudo das emoções em crônicas jornalísticas**. In: Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte, v.25, n2, p.903-937, 2017.

LEAL, Abniza Pontes de Barros. **Mecanismos dêiticos e estratégias de leitura do gênero tira**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória (ES), v. 7, n. 9, p. 6-26, 2013.

PEREIRA, Vítor Miranda Batista; FENSTERSEIFER, Liza. “**Eu queria que alguém percebesse, mas ninguém percebeu**”: o que revelam as cartas deixadas por **suicidas**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 4, n.7, jan./jun. 2019 – ISSN 2448-0738.

SILVA, Welton Pereira e. **Argumentação e patemização em cartas de ameaça: uma análise semiolinguística como contribuição à Linguística Forense**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

<https://www.dailymotion.com/video/xwosgr>. Acesso em: 16/12/2021, 22h33.

<https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/leia-trecho-da-carta-do-atirador-que-invadiu-escola-no-rj.html>. Acesso em: 10/11/2021, 13h45.

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/filosofia/hedonismo>. Acesso em: 22/06/2022, 15h38.

ANEXOS – Carta e transcrições dos vídeos relativos aos *corpora*

Carta de Wellington Menezes de Oliveira

Primeiramente deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem usar luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero poderá ter contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão, os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco que esta nesse prédio, em uma bolsa que deixei na primeira sala do primeiro andar, após me envolverem nesse lençol poderão me colocar em meu caixão. Se possível, quero ser sepultado ao lado da sepultura onde minha mãe dorme, minha mãe se chama Dicéa Menezes de Oliveira e esta sepultada no cemitério Murundu. Preciso da visita de um fiel seguidor de Deus em minha sepultura pelo menos uma vez, preciso que ele ore diante de minha sepultura pedindo o perdão de Deus pelo o que eu fiz rogando para que na sua vinda Jesus me desperte do sono da morte para a vida eterna.

Eu deixei uma casa em Sepetiba da qual nenhum familiar precisa, existem instituições pobres, financiadas por pessoas generosas que cuidam de animais abandonados, eu quero que esse espaço onde eu passei meus últimos meses seja doado à uma dessas instituições, pois os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos que possuem a vantagem de poder se comunicar, trabalhar para se sustentar, os animais não podem pedir comida ou trabalhar para se alimentarem, por isso, os que se apropriarem de minha casa, eu peço por favor que tenham bom senso e cumpram meu pedido, pois cumprindo o meu pedido, automaticamente estarão cumprindo a vontade dos pais que desejavam passar esse imóvel para meu nome e todos sabem disso, senão cumprirem meu pedido, automaticamente estarão desrespeitando a vontade dos pais, o que prova que vocês não tem nenhuma consideração pelos nossos pais que já dormem, eu acredito que todos vocês tenham alguma consideração pelos nossos pais, provem isso fazendo o que eu pedi.

Transcrição dos vídeos de Cho Seung-Hui

"Eu não tinha que fazer isto. Eu poderia ter saído. Eu poderia ter fugido. Mas não, eu não vou mais correr. Não é para mim. Por meus filhos, por meus irmãos e irmãs que vocês f.... Eu fiz isto por eles."

"Vocês tiveram bilhões de chances e formas de evitar o que aconteceu hoje. Mas vocês decidiram derramar meu sangue. Vocês me encurralaram e só me deram uma opção. A decisão foi de vocês. Agora vocês têm sangue em suas mãos que jamais será lavado"

"Vocês devastaram meu coração, violaram minha alma e queimaram minha consciência. Acreditavam que estavam extinguindo a vida de um menino patético. Graças a vocês, morro como Jesus Cristo, para inspirar gerações de pessoas frágeis e indefesas"

“Como Moisés, eu abri o mar e guiei o meu povo, os fracos, os indefesos, as crianças inocentes de todas as idades.”

“É isso. Aí é onde tudo acaba. Fim da estrada. O que a vida foi. Alguma vida.”

“Vocês acharam que eu queria fazer isso? Vocês acham que eu alguma vez sonhei em morrer assim? Em um milhão de anos, eu não queria isso.”

"Vocês sabem a sensação que dá quando cospem na sua cara e jogam lixo por sua goela abaixo? Vocês sabem a sensação que dá cavar sua própria sepultura? Vocês sabem a sensação que dá ter sua garganta cortada de orelha a orelha? Vocês sabem a sensação que dá ser queimado vivo? Vocês sabem a sensação que dá ser humilhado e ser pregado em uma cruz para sangrar até a morte para sua diversão?"

"Vocês tinham tudo o que queriam. Suas Mercedes não lhes bastam, seus mimados. Seus colares de ouro não são suficientes, seus esnobes. Seu dinheiro no banco não foi suficiente. Sua vodca e conhaque não foram suficientes. Toda a sua devassidão não foi suficiente. Elas não foram suficientes para atender a suas necessidades hedonistas. Vocês tinham tudo."

“Quando chegou a hora, eu fiz. Eu tive que fazer.”